

ENSINO EXECUTIVO

Escolas de negócios aprendem com a crise

Rebecca Knight

Financial Times

As escolas de negócios vêm sendo assoladas por críticas ao papel que desempenharam na crise financeira mundial. Algumas afirmam que os valores transmitidos pelos programas de MBA— maximizar o papel do acionista e o ganho pessoal, por exemplo— enfatizam demais o ato de ganhar dinheiro e pouco as considerações sociais.

Outras dizem que as escolas não treinam os alunos adequadamente para que eles entendam as limitações dos modelos financeiros usados em sala de aula. Algumas alegam que elas nada fizeram para inculcar responsabilidade em seus alunos.

Os reitores estão tomando nota dessas críticas. Nos campi dos Estados Unidos e Europa, as escolas estão fazendo ajustes nos currículos, nos conteúdos dos cursos para a introdução de disciplinas e seminários, e até mesmo criando cursos, num esforço para repassar aos alunos as lições aprendidas com a crise econômica. “Todas as escolas estão pensando: o que podemos aprender com tudo isso?”, afirma John Fernandes, presidente e executivo-chefe da Association to Advance Collegiate Schools of Business, órgão de credenciamento com sede nos EUA.

A Insead, por exemplo, está lançando um título acadêmico em parceria com várias escolas de políticas públicas. O curso permitirá aos alunos obter um MBA/MPA conjunto em dois anos. Embora a ideia de oferecer esse tipo de diploma venha sendo trabalhada há algum tempo, a crise acelerou os planos, segundo Jake Cohen, reitor do programa de MBA da Insead. O legado desta crise é que os setores público e privado ficarão muito mais ligados e as escolas de negócios precisam preparar seus alunos para esta realidade, afirma Cohen. “Não vejo isso como uma moda passageira. É muito importante para os alunos de MBA entender o setor público, como o governo cria leis e como isso afeta a capacidade das empresas de se saírem bem, ou não.”

A Harvard Business School criou cursos sobre a crise. “A lição aprendida é que nós —e quando digo nós, refiro-me a empresas, planejadores e autoridades reguladoras— subestimamos o nível de risco sistêmico”, diz Jay Light, reitor da escola, que está de saída. “Também prestamos pouca atenção à maneira como as coisas poderiam dar errado.”

Em setembro, a Harvard Business School introduziu vários cursos eletivos, incluindo “gerencia-

mento de firmas financeiras modernas” e “a evolução do sistema financeiro dos EUA”, que visam proporcionar aos alunos do segundo ano uma compreensão mais profunda do gerenciamento de riscos nos mercados financeiros. A escola também produziu material sobre a quebra do banco de investimento Bear Stearns para os alunos do primeiro ano.

A Cass Business School de Londres recentemente realizou uma revisão em grande escala conduzida por um comitê formado por professores, administradores, alunos e consultores externos, para averiguar como a ética é ensinada. Segundo Chizu Nakajima, diretor do Centre for Financial Regulation and Crime da Cass School, o comitê recomendou que ela adote uma abordagem “integrada” à ética e a sustentabilidade. Isso significa não atrelar um módulo separado sobre “ética” a cada programa, mas que cada membro do corpo docente e do staff profissional participe dos diálogos sobre como é a ética nas empresas e no setor público. “Vemos esta crise como um alerta”, diz Steven Haberman, diretor, vice-reitor e professor de ciências atuariais da Cass School. “Não podemos dizer que tudo vai bem. Somos educadores de administração e a visão que se tem é que a administração falhou. Não podemos ser complacentes.”

De fato, muitos professores de escolas de negócios vêm modificando as suas aulas. Avanihar Subrahmanyam, professor de finanças da Anderson School of Management da UCLA, ensina uma disciplina de introdução às finanças aos alunos do primeiro ano. No passado, seu curso se concentrava em ações e bônus, mas hoje ele inclui discussões aprofundadas sobre swaps de defaults de crédito, títulos lastreados em hipotecas e obrigações garantidas de dívida.

“São produtos exóticos que eram ensinados apenas em disciplinas avançadas, mas como eles tiveram um papel importante na crise, é preciso que os alunos os entendam de maneira adequada”, diz. “Operávamos sob a noção de que os mercados são eficientes, mas está claro que os acontecimentos nos fizeram repensar isso.”

Mas outras escolas ainda não estão prontas para realizar grandes mudanças. “Queremos pensar muito a respeito. Seria um erro trocar alguns fundamentos por algo que parece importante hoje, mas que não poderá não ser daqui a três ou quatro anos”, afirma o reitor James Dean da Kenan-Flager School of Business da Universidade da Carolina do Norte. (Tradução de **Mário Zamarian**)